

ARTES VISUAIS

Fino e sutil pensamento crítico

Manifestação sobre a violência nos trópicos e o sofrimento de um povo colonizado

Fotos de divulgação

'Hollywood'

Rodrigo Matheus

Luisa Duarte

ARTES
CRÍTICA

Hollywood é uma palavra ícone. Sintetiza muitos sentidos: um distrito de Los Angeles, a indústria americana de cinema, ou ainda designa uma atmosfera cintilante e superficial, vulgar, da mesma indústria dos Estados Unidos. A exposição "Hollywood", de Rodrigo Matheus, na Galeria Silvia Cintra + Box 4, não se refere aos EUA, mas ao Rio de Janeiro. Artista paulistano, Matheus, nessa mostra, nos apresenta uma nova face de sua obra.

Toda a exposição é composta por oito peças de concreto (esse é o novo componente) que remetem à arquitetura neoclássica, influenciada pelo barroco, trazida por Portugal em seu processo de colonização do Brasil. Sobre as peças de concreto vê-se pinturas de marinhas, como se cada um desses signos de uma iconografia européia estivesse contaminada pelos mares do Rio.

Espelho da natureza do Rio

Assim, as peças tornam-se espelho da natureza da cidade. Um desejo (impossível) de unir ambos fica ali manifesto. E por que realizar esse reflexo? Porque muitas vezes esses ícones de uma arquitetura européia eram colocados de frente para o mar: um cartão de visitas "europeu" dava as boas vindas em terras brasileiras.

Esse fino pensamento crítico é tecido por Matheus em um tom sutil. Pois há aqui uma crítica em direção à essa imputação forçosa de uma visua-



OUTRA DAS PEÇAS: concreto é o novo componente do artista

lidade atravessada por rococó, barroco, que em nada correspondia à paisagem do Rio. Mas essa crítica, na obra do artista, não está posta de forma narrativa ou idealista. A transformação das peças em espécies de espelhos de mares já demonstra esse ruído: introduzir de maneira intencionalmente forçosa emblemas de uma suposta civilização em uma paisagem tropical e avessa a domesticações.

Diante dessa obra é pertinente lembrar a obra da artista Adriana Varejão. Um grande número de trabalhos da artista, principalmente no seu início, se mostram como uma reinvenção da tradição barro-

ca e, sobretudo, uma manifestação que pensa, na linguagem da arte, a violência nos trópicos e o sofrimento de um povo colonizado.

Voltando à "Hollywood", podemos pensar que essas marinhas de Rodrigo Matheus estão "projetadas" sobre um corpo sólido que lhe é, na essência, estranho. Logo na entrada da galeria vemos uma chapa de ferro na qual está inscrita a enseada de Botafogo e o Pão de Açúcar e, acima, o nome: Hollywood.

Penso que essa imagem nos dá a pensar, ao menos, em três pontos. Lembra-nos a experiência do Novo Mundo como à dita pelo antropólogo Clau-

A ENSEADA DE BOTAFOGO e o Pão de Açúcar: cartão-postal carioca associado a Hollywood, o centro da indústria do cinema nos EUA

de Lévi-Strauss quando descreve a Baía de Guanabara: uma boca banguela. Dois, faz da sequência de pinturas sobre ícones portugueses uma série que traz uma memória do passado da cidade e incide nessas cenas da paisagem que está ao redor, como se essas peças fossem capazes de refletir seu próprio contexto. Terceiro ponto: é quase inevitável pensar que sim, o Rio possui a sua Hollywood. A TV Globo, de alguma forma, faz esse papel na cidade e no imaginário de grande parte de país. Não cabe aqui discutir o papel da emissora, mas sim o seu lugar no trabalho de Rodrigo Matheus.

Político sem ser ilustrativo

Se hoje ainda é pertinente tratar as relações entre colonizadores e colonizados, é porque sabemos que no Rio os traços da colonização, pelo fato de a cidade ter abrigado a corte portuguesa e ter sido capital, ainda perduram. Na Zona Sul é comum as pessoas apresentarem umas as outras com nome e sobrenome, resíduo de uma cidade na qual a escamoteada pergunta, "de onde você vem?", sim, ainda conta. A TV Globo acentua essa atmosfera de Hollywood para a Zona Sul da cidade. No trabalho do artista, tais sentidos evocam uma fina ironia e nos dá a pensar.

Essa mostra de Rodrigo Matheus, um artista que exhibe, a cada aparição, uma complexidade maior em sua obra, mostra que para fazer uma arte "política", não é preciso ser ilustrativo. Vejamos "Hollywood" como espelho de nós mesmos... A última semana no Rio revela cabalmente a necessidade disso. ■